

Verificando o cumprimento do incumprimento na Gorongosa

# As mazelas que a Serra acoberta

Por Armando Nhamumbo

**P**or detrás dos discursos políticos lavrados em salas climatizadas dos centros urbanos e muitas vezes baseados em relatórios de conveniência, há uma outra vida que se passa do outro lado da Gorongosa, longe dos holofotes da comunicação social. Na semana passada, o SAVANA fez parte de uma delegação jornalística que percorreu o sopé da Serra para a verificação da retirada ou não de militares, em algumas das oito posições que poderão ter sido tomadas pelas Forças de Defesa e Segurança (FDS) entre Maio e Setembro de 2016.

Foram dois dias, 5 e 6 de Julho, de escala às antigas posições de Nhariozoza, Nhandar, Mapanga-Panga, Nhautchende, Nhamadjiwa (transformado numa estratégica base das FDS) e a base de Satunjira. Nos detalhes, semelhantes apavorados com o aparato militar que compunha a comitiva, sugeriam traumas profundos de um povo, severamente, fustigado por uma guerra movida pelo Governo e a Renamo.

Mas do outro lado da barricada, lá estava gente, devidamente, instruída para “cantar”, em frente das câmaras televisivas, *bossanas* a favor do Governo e propalar impropérios contra a Renamo. É o retrato de uma operação marcada também por embates verbais entre os representantes do executivo e do maior partido da oposição na equipa de monitoria da tréguia.

Mas detalhe por detalhe. Ao que o SAVANA apurou, a ida de jornalistas à sempre rebelde “terra da oposição” foi uma iniciativa do ministro da Defesa, Salvador M’tumuke, em resposta ao presidente da Renamo, que acusou os militares de desobedecerem o Comandante-em-Chefe das Forças de Defesa e Segurança (FDS), Filipe Nyusi.

Citado pelo diário “O País” de 03 de Julho, Afonso Dhlakama contrariou Salvador M’tumuke, afirmando que não houve retirada de militares das oito posições acordadas (Filipe Nyusi anunciara a 25 de Junho que havia ordenado a retirada de oito posições até 30 de Junho), mas sim movimentação de uma posição para outra.

Para Dhlakama, a situação revelava indisciplina nas FDS e desobediência ao Comandante em Chefe. As declarações do “pai da democracia” não caíram bem no seio das chefias militares, tendo causado um profundo mal-estar. E o mi-

nistro da Defesa Nacional não tardou em ordenar a organização de uma expedição jornalística para a Gorongosa. A partida foi marcada para 5 de Julho. E às 4h30, os jornalistas começavam a chegar à base aérea de Maputo, debaixo de um frio e cacimbo intensos, característicos de uma madrugada de inverno. Era o início de uma cavalcada que, durante dois dias, levaria cerca de 20 profissionais da comunicação social, esmagadoramente pró-governamental, a escalar aquele que foi o epicentro das confrontações armadas entre as FDS e o braço armado da Renamo, no quadro da chamada tensão político-militar.

Passados 15 minutos depois das 6h, um ruído avião militar de fabrico russo (*Antonov*) decolava da pista de Mavalane, com destino ao aeródromo de Chimoio, deixando para trás dois repórteres azarados.

Habitados ao conforto das carreiras comerciais, os jornalistas não se coibiram de protestos pelo desconforto do que era, para muitos, a primeira viagem num voo militar. A rota é feita numa hora por jacto, mas tem o dobro da duração no bimotor turbo-hélice russo. Às 8h:15, o *Antonov* pilotado por uma tripulação russa aterrava no aeródromo de Chimoio, de onde a comitiva viria a partir às 8:45h, num “mini-bus” pertencente à Assembleia Municipal de Manica.

Depois de um “pesado” pequeno-almoço – *xima* (farinha de milho) e frango – num restaurante da capital de Manica, a comitiva, liderada pelo chefe das Forças de Defesa e Segurança (FDS) na Gorongosa, o coronel “WindeUani Bedford” e pelo representante do Comando Geral da Polícia (PRM), Ezequiel Muanga, (ambos vindos de Maputo com os jornalistas), seguiu viagem em *Ford Rangers* 4x4, cabine dupla, que os esperavam nos arredores de Chimoio.

O próximo ponto de paragem foi o Inchope, o entrocamento onde o país se cruza, ao centro. É aqui onde são feitos os últimos acertos antes de se percorrer os derradeiros 90 km para a Serra da Gorongosa, num esburacado troço da Estrada Nacional Número 1 (EN1), a espinha dorsal de Moçambique.

No Inchope, “ordens superiores”, e não de “distribuição de ração”, como pretende legitimar alguma imprensa do *establishment*, viriam a deixar por fora o “antipatriota” corresponde da Agência Lusa, André Cateira, mas também o

correspondente do semanário Zambeze, Benedito Cobrissua. O nome de Cateira, também colaborador do SAVANA, foi fornecido ao MDN na tarde anterior, pela direcção editorial do jornal.

É preciso lembrar que, a 28 de Abril do ano passado, foi a Lusa, num despacho de Cateira, que noticiou a existência de valas comuns na Gorongosa, fruto de denúncias de camponeses, o que irritou alguns sectores governamentais.

Para o MISA Moçambique, um organismo regional de promoção da liberdade de imprensa, a decisão do Ministério da Defesa Nacional (MDN), de impedir que os dois jornalistas verificassem, no terreno, a retirada das tropas governamentais das polémicas posições situadas na Serra, é uma violação grave da liberdade de imprensa e do direito à informação.

“A decisão de excluir dois jornalistas de imprensa privada, não só constitui uma ameaça indirecta aos órgãos de informação, como também coloca em causa a transparência e seriedade do processo de verificação da retirada das forças armadas nas posições objectos desta visita de jornalistas”, repudiou o MISA Moçambique, que é o capítulo moçambicano do *Media Institute for Southern Africa*.

Após a distribuição de kits de ração de combate, a equipa segue viagem com destino a Canda, com a escolta já reforçada com três viaturas blindadas de transporte de tropas militares.

## A ausência de até ao último reduto de Dhlakama

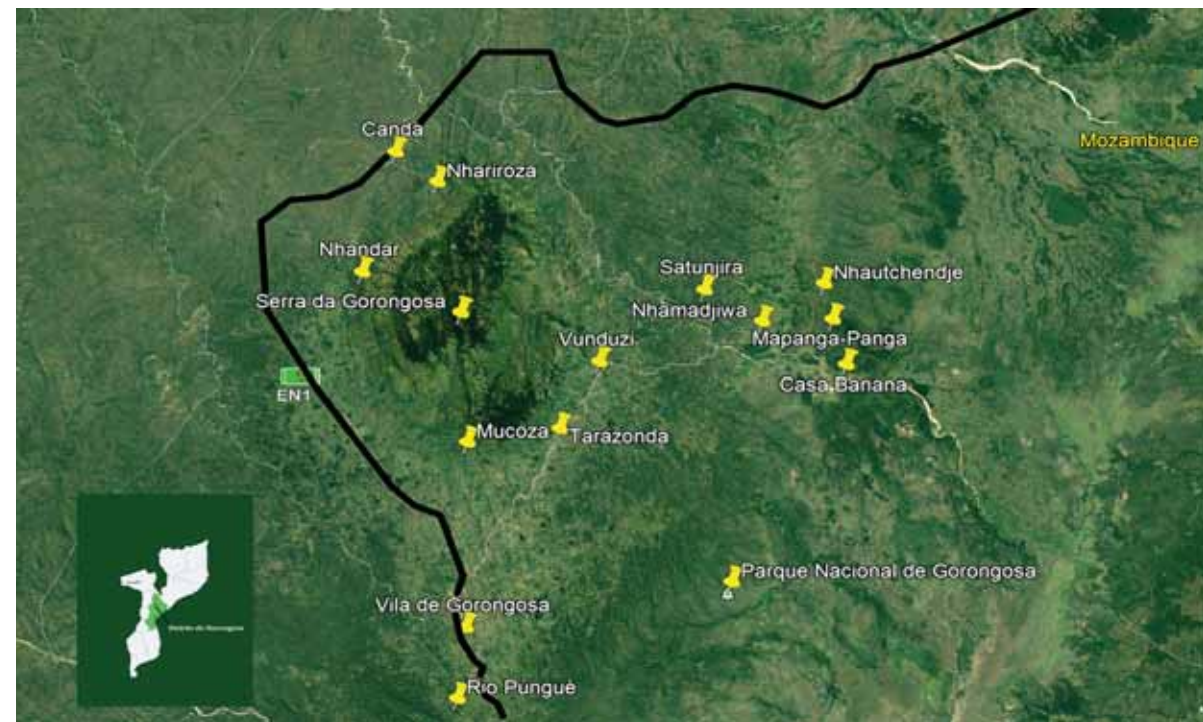
Cerca de 14:20h, a comitiva, ida de Inchope, deixa a EN1 e toma o rumo da Serra, numa picada a Este da localidade de Canda, a primeira povoação assinalável a norte da ex-vila Paiva de Andrade, hoje vila da Gorongosa.

Uma cancela seguida de uma posição militar prenunciava a entrada para uma zona, militarmente, sensível. Aberta a cancela improvisada de material precário e com os militares em contínuas espalhafatosas, inicia-se a excursão mata adentro. O destino é Nhariozoza, uma antiga posição da Renamo tomada pelas FDS em Maio de 2016.

Os pedregulhos que servem de ponte no pequeno riacho que ali corre desafiam o trânsito para os “4x4”. Mas logo depois da travessia, só as viaturas militares é que podiam prosseguir. Chumbava assim a teoria de que qualquer carro com tracção às quatro rodas é um todo o terreno.

E a voz de comando ordena para os jornalistas se apinharem nos três transportes de tropas blindados (APC), os únicos com “cilindros, cavalos e tracção” para o trajecto, embora fosse problemática a chegada (não ensaiada) ao cume da Serra. Com as dificuldades de transitabilidade, só perto das 16h é que se atingiria a posição, que fica a qualquer coisa como 10 km de Canda.

Carcasas de viaturas incendiadas e edifícios em escombros denunciam a violência do conflito armado naquela que terá sido uma das primeiras posições da Renamo a ser tomada pelas FDS.



Parte das polémicas posições no cinturão da Gorongosa

Cinco minutos depois, “WindeUani Bedford”, o rigoroso comandante das FDS na Gorongosa, convida os jornalistas para dar as explicações que se impõem.

Na sua interpretação, Nhariozoza era uma base logística da Renamo que foi conquistada na perseguição ao que chamamos de “bandidos armados”.

Contrariando Afonso Dhlakama, que denunciou manobras que consistiram em movimentação, por exemplo, das posições de Nhariozoza e de Lourenço (como é vulgarmente conhecido o regulado de Nhandar) para Nhauanga e Canda, respectivamente, “Bedford” disse que parte do efectivo dos 120 homens das FDS que ali estavam, e que compunham uma companhia, foi retirada para a base de Satunjira e a outra para as suas zonas de origem, um pouco por todo o país.

Anotou que a posição de Canda não faz parte das oito em causa, visto que foi criada antes da eclosão do conflito armado, pelo que, a sua desactivação está fora de questão.

A posição militar de Canda está situada no povoado do mesmo nome, a escassos metros da EN1 e, justamente, numa das portas de entrada à Serra e é um estratégico ponto para monitorar qualquer movimentação de e para o cimo da Gorongosa, onde se acredita esteja aquartelado Afonso Dhlakama e seus próximos.

De Nhariozoza, a próxima escala é a antiga posição de Nhandar (nome proveniente de um rio local que assinala os limites do Posto Administrativo de Nhamadjiwa) ou Lourenço (nome proveniente de um antigo e famoso cantineiro local), mas como a natureza não foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

er às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

er às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

er às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

er às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

Neste desvio, outra cancela militar também prenuncia a entrada para um dos principais teatros de operações no contexto da tensão político-militar. Esta foi simpática para as interligações entre os regulados, é preciso retomar à EN1, na direcção para a vila da Gorongosa, para se encontrar a via que dá acesso à Nhandar, pouco mais de 8 km mata adentro.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-

rer às luzes das viaturas para descortinar o pouco que resta de um local que, de acordo com explicações de “Bedford”, servia de corredor de abastecimento da guerrilha do maior partido da oposição. “EP1 Nhandar” é o pouco que se consegue ler na parte do velho edifício onde incide a iluminação gerada pelos veículos militares. Trata-se dum Escola Primária do Primeiro Grau abandonada no calor das confrontações armadas. Para trás ficou por realizar o sonho de 301 crianças que ali frequentavam as aulas da 1ª a 5ª classe.

Com a tomada de Nhandar, dois pelotões, ou seja, 40 homens das FDS, foram ali posicionados e terão sido retirados no dia 26 de Junho último, 24 horas depois de, em plena praça dos Heróis Moçambicanos, o Comandante-em-Chefe das FDS anunciar, no quadro das celebrações dos 42 anos da independência, a desactivação de oito posições na Serra.

Embora a Renamo indique que os militares que ali estavam foram repositionados em Canda, “Bedford” diz que não, foram também para Satunjira e outros para as suas zonas de origem, de onde partiram para responder ao “chamamento da pátria”.

Com a noite a cair, a comitiva retoma a EN1, de novo a caminho da vila da Gorongosa, até à entrada que dá acesso à Vunduzi, onde se vai pernoitar, concretamente, na base de Nhamadjiwa (que faz parte das polémicas oito posições), que foi o último reduto da Renamo tomado a 27 de Maio de 2016.

E o tempo não faz contemplações. A luz solar cede espaço à ditadura da escuridão na serra. Quando se atinge Nhandar, cuja via de acesso é também um verdadeiro calvário, é preciso recor-



Borges Nordino, Governo



João Buca, Renamo



Militares reposicionam-se na base de Satunjira